

# PROTÁGORAS E HERÁCLITO NO CRÁTILLO PLATÔNICO

## PROTAGORAS AND HERACLITUS IN THE PLATONIC *CRATYLUS*

LUISA BUARQUE\*

**Resumo:** Os comentários a respeito do *Crátilo* platônico costumam concordar que, em tal diálogo, Platão possui adversários implícitos, cujos pensamentos pretende refutar quando põe em cena Sócrates a dialogar com os jovens Crátilo e Hermógenes. Este artigo pretende dar uma pequena contribuição para tal debate, mostrando em que medida e por que razões Protágoras e Heráclito podem ser vistos como candidatos ao posto de adversários platônicos no referido contexto.

**Palavras-chave:** Platão, Crátilo, comédia, heraclitianos.

**Abstract:** Commentaries on the platonic *Cratylus* usually agree that, in this dialogue, Plato has a number of unspoken adversaries whose thoughts he wishes to refute when he depicts Socrates conversing with Hermogenes and Cratylus. This article aims to provide a small contribution to that debate by showing how and why Protagoras and Heraclitus can be seen as the candidates for those unspoken adversaries in this context.

**Keywords:** Plato, Cratylus, comedy, heracliteans.

Por divergentes que sejam os comentários sobre o *Crátilo*, todos partem de um ponto comum: o fato de que, nessa obra, Platão possui adversários implícitos, que pretende atacar e refutar. Alguns desses comentários ressaltam o fato de que um dos mais importantes e estratégicos procedimentos platônicos, nesse contexto, é o dos ataques baseados em tipologias: Platão agrupa filósofos, poetas, dramaturgos, sofistas, fisiólogos e outros a partir de certos traços gerais reveladores de seus pensamentos, que fazem com que possam ser reunidos em torno de tipos característicos. Essa estratégia de agrupamento fica evidente pela multiplicação de referências, ao longo do diálogo, a conjuntos dos mais diversos. Como exemplo de tais menções coletivas e generalizantes seria possível citar, dentre outras, 1) a referência aos “sofistas” (*Crát.* 391c1), 2) aos “sectários de Eutífron” (*Crát.* 400a1) e 3) aos “órficos” (*Crát.* 400c6), 4) aos “conhecedores dos fenômenos celestes”,

\* Luisa Buarque é professora na PUC-Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luisa.severo@terra.com.br

ou simplesmente “meteorólogos” (*Crát.* 401b7 e 404c4), 5) aos “discípulos de Anaxágoras” (*Crát.* 409b8), 6) aos “antigos” em geral (*Crát.* 407b1), 7) aos “conhecedores da poesia homérica” (*Crát.* 407b2), 8) aos “poetas” (*Crát.* 410b4) e, finalmente, 9) aos “autores trágicos” (*Crát.* 425d5). Note-se, no centro de tal processo de agrupamento, o emprego recorrente do plural e a generalidade das menções, que faz pensar não apenas que o *Crátilo* possui adversários implícitos, porém, mais do que isso, que ali Platão pretende atacar um oponente hiperbólico. Em outras palavras: no *Crátilo* Platão refuta grande parte da cultura grega, por meio do ataque coletivo a seus mais importantes baluartes.

Entretanto, o que eu gostaria de ressaltar é que é possível reconhecer no *Crátilo* uma segunda estratégia platônica – complementar à primeira - para alvejar o referido oponente hiperbólico. Trata-se de diagnosticar o maior problema da cultura helênica em geral, no que diz respeito ao tema da linguagem, e de detectar seu epicentro. Ali, em seu núcleo, o que Platão encontra são dois pensadores que parecem ser os norteadores de um problema também hiperbólico. Eles se tornam, assim, os principais focos, ou os alvos mais precisos, que se desenham no próprio interior dos grupos atacados. Esses dois pensadores são Protágoras e Heráclito, os protagonistas implícitos da cena crátilica, e, não por acaso, ilustres adversários platônicos em não poucos contextos. A seguir, dedicar-me-ei a mostrar qual é, no *Crátilo*, a relação entre os pensamentos desses dois pensadores, tal como interpretados por Platão (note-se aqui que é fundamental ter em mente o fato de que a compreensão platônica dos pensamentos de ambos é baseada, em grande parte, em uma deturpação aparentemente consciente; o que será comentado, a partir de agora, é, exclusivamente, a leitura platônica de Protágoras e Heráclito, e não os pensamentos de Protágoras e Heráclito propriamente ditos).

Na primeira parte do diálogo, é em Protágoras que Platão se demorará, e é na refutação de sua famosa sentença que aparecem algumas das questões mais decisivas da obra: o problema de saber se há ou não homens melhores e mais sábios do que outros, ligado, por sua vez, à questão da verdade e da falsidade no discurso, a qual é encontrada pela primeira vez no diálogo um pouco antes da introdução da tese do homem-medida, e precisamente a fim de introduzi-la. Tudo isso liga o *Crátilo* ao *Protágoras*, mas também especialmente ao *Teeteto*, onde a defesa do sofista, de alguma forma, procurará desbancar a refutação crátilica. Mas o que o referido diálogo, em particular, deixa claro, é que de algum modo é possível considerar a tese de Protágoras como o verdadeiro fundamento das mais variadas teses sofísticas: se muitos afirmavam ser impossível dizer o falso tomando como base a identificação

parmenídica entre ser, pensar e falar, o corolário mais perigoso de tais afirmações pode ser resumido precisamente pela idéia protagórica de que a diferença entre os discursos está apenas em sua eficácia e utilidade, e não em sua verdade, ou capacidade de gerar conhecimento. E o que o Sócrates do *Crátilo* nota no pensamento de seu interlocutor Hermógenes é que ele tende a concluir que, se as palavras podem ser arbitrariamente atribuídas, utilizadas, trocadas, então todo discurso é verdadeiro, à medida que exprime sempre – e também unicamente – a verdade de cada um, ligada à sensação individual, como sustentaria Protágoras. Atacar o argumento de Protágoras, portanto, consiste em atingir uma série de outros argumentos.

Em relação a Heráclito, é possível dizer que existe no diálogo um jogo bastante complexo, que não pode não ser proposital. A partir da segunda metade do texto, fala-se muito da questão do fluxo e examinam-se as suas consequências. Fica claro que a idéia de que tudo se transforma incessantemente se liga imediatamente a Heráclito no imaginário grego. É o próprio Sócrates quem o menciona logo da primeira vez em que fala do fluxo, e é sempre ele a figura posta em evidência quando se alude a esse tema. Por outro lado, nota-se também uma insistência da parte de Sócrates em demonstrar que nem a doutrina do fluxo é exclusiva de Heráclito, nem foi ele o inventor de tais noções. Pelo contrário, Sócrates faz questão de frisar que concepções desse tipo não apenas já podem ser encontradas em Homero, como são tão antigas quanto a própria invenção da língua grega. Faz parte do jogo platônico sublinhar o fato de que a concepção subjacente a grande parte do vocabulário grego é aquela que depois Heráclito fora enunciar, como se dotado de uma nova sabedoria:

*Sócrates*: Descobri, meu caro, um colmeal de sabedoria. *Hermógenes*: De que jeito? *Sócrates*: É um tanto irrisório o que vou dizer; mas estou convencido de que é muito plausível. *Hermógenes*: De que se trata? *Sócrates*: Parece-me ver Heráclito a ensinar velhas máximas do tempo de Reia e Crono, que já tinham sido ditas por Homero. (*Crát.* 401e5 – 402b2).

O colmeal de sabedoria, as velhas máximas de tempos imemoriais, tudo isso remete inegavelmente à sabedoria tradicional grega e ao traço hiperbólico do *Crátilo*. Em última instância, o que Sócrates quer sugerir é que o essencial da cultura grega era heraclítico *avant la lettre*. A leve troça que atinge Heráclito, a insinuação de que ele não dizia nenhuma novidade, em suma, a leve acusação de plágio, não foge ao doce e jocoso sarcasmo peculiar ao diálogo. Todavia, é também inegável que a mesma obra deixa mais do que claro o fato de que Heráclito foi o pensador que formulou de modo mais

explícito e marcante a questão do fluxo. O jogo platônico, portanto, consiste em tentar diminuir o peso de Heráclito precisamente à medida que o seu pensamento ganha importância para a dinâmica do diálogo. É como se, ao mesmo tempo em que Sócrates nos mostra que a doutrina do fluxo encontra sua formulação mais bem acabada e desenvolvida na prosa heraclítica, ele nos mostrasse também que idéias aparentadas estão (e já estavam muito antes dele) disseminadas pelos mais diversos recantos do pensamento grego. Dessa forma, e dado que suas sentenças são de tal modo pregnantas, é a Heráclito que se precisa refutar; entretanto, é todo um colmeal de sabedoria que se pretende atingir. Heráclito é o corifeu de um coro, a mosca de um alvo que deve ser derrubado por inteiro.

O motivo pelo qual é tão importante para Platão refutar o pensamento do fluxo, principalmente em sua forma mais bem desenvolvida, que é a heraclítica, vai ficando evidente ao longo do diálogo. Três passagens o mostram de maneira especial. Duas delas se encontram no fim do *Crátilo*. Na primeira, Sócrates afirma:

Tomemos cuidado ainda para que todos esses nomes de mesma tendência não consigam nos induzir ao erro, se verdadeiramente seus autores os estabeleceram na idéia de que tudo tende a um movimento e um escoamento perpétuos – pois, na minha opinião, eles tinham também essa idéia - e se, por acaso, longe que as coisas se passem assim, foram eles mesmos que caíram em uma espécie de turbilhão, onde brigam e se confundem, e onde nos precipitam em seguida. (*Crát.* 439C1-8).

Um pouco mais adiante, acrescenta: “com afirmar que nada é são, mas que tudo rola como vasos de barro, e de conceber as coisas como pessoas atacadas de defluxo e com o nariz sempre a estilar.” (*Crát.* 440c8-d2). Muito antes disso, porém, Sócrates já observara sobre os sábios de nosso tempo que

à força de andar à roda para investigar a natureza das coisas, acabam tomados de vertigem, acreditando que são as próprias coisas que giram e que tudo o mais ao redor deles é pelo mesmo teor. Não atribuem a culpa dessa maneira de pensar ao que se passa no seu íntimo, mas imaginam que decorre das próprias coisas, que nada é estável e permanente, e que tudo passa, e se movimenta, e se encontra em permanente estado de modificação e geração. (*Crát.* 411b8-c6).

Esses três comentários, tomados conjuntamente, são um tiro certeiro, e resumem grande parte da crítica dirigida por Platão a Heráclito e a todos aqueles que acreditam que nada exista de estável e de permanente, além da permanência do próprio fluxo: seu problema é que confundem um estado

interno com um estado externo. Atribuem sua própria tontura e seu próprio catarro, estados não habituais e passageiros, às coisas que examinam. Tomam sua disposição pessoal pelo critério de seu saber. É esse, portanto, o cerne do problema: eles atribuem um ponto de vista particular à universalidade das coisas, tomando o parcial pelo universal, ou ainda, o relativo pelo absoluto. O que, finalmente, faz vincular a teoria heraclítica à teoria protagórica: ambas representam duas versões de um mesmo relativismo.

Esse vínculo pode ser ainda esclarecido a partir das seguintes considerações: a observação heraclítica da constante transformação dos entes à nossa volta faz concluir que nada é estável e que a única coisa que existe verdadeiramente é o movimento incessante. Ora, se a única realidade permanente é a própria transformação, então não há nem sujeito de conhecimento estável, nem objeto de conhecimento para ser conhecido, de modo que o que antes era verdadeiro sempre pode virar falso. Donde, seria lícito concluir serem os homens a decidir, a cada momento e com a ajuda de seus próprios sentidos, quais são as divisões espaço-temporais que eles devem ou querem fazer na realidade. Os entes individuais a serem nomeados seriam mais escolhidos do que reconhecidos. A ética, portanto, se torna cambiante, a linguagem se torna praticamente ineficaz e o conhecimento definitivamente impossível.

Ao mesmo tempo, afirmar que o homem é a medida de todas as coisas faz relativizar os critérios, posicionando-os do lado flutuante representado pelas disposições humanas e fazendo com que não se possa mais, do ponto de vista ético, distinguir o bom do mau, e do ponto de vista linguístico e epistemológico, distinguir o verdadeiro do falso. Nota-se, portanto, que o relativismo protagórico tem sua versão ontológica na transformação incessante dos entes, isto é, no relativismo heraclítico, e este encontra sua versão ética nas afirmações protagóricas. Os dois pensamentos, aos olhos de Platão, representam as duas faces de uma mesma moeda. Essa aproximação pode ser feita porque, como evidencia Aristóteles em *Metafísica* (1009a1-b1), o ponto de partida comum de ambas as teorias – a protagórica e a heraclítica – é a idéia de que só existe o fenômeno, ou ainda, de que os entes sensíveis correspondem à totalidade da realidade. É também isso que denunciara Platão, com seu modo peculiar, ao mesmo tempo combativo e teatral, de abordar os temas. Além disso, o que ele denuncia ainda é que a restrição da realidade ao sensível não é pano de fundo comum apenas aos pensamentos de Protágoras e de Heráclito, mas também de grande parte da tradição na qual ele próprio se insere, e a qual deseja, em última instância, combater e corrigir. Protágoras e Heráclito talvez sejam os dois cumes desse pensamento comum, as suas duas versões mais elevadas, mais bem formuladas e, portanto,

mais perigosas. Ambos representam o risco que se corre ao tomar como existentes apenas os fenômenos sensíveis: o relativismo ético e o relativismo ontológico, respectivamente.

Em suma, a concepção da realidade encontrada por Platão por detrás dos mais consagrados pensamentos e dos mais respeitados ramos da cultura helênica pode ser resumida duplamente: na doutrina heraclítica do fluxo e na doutrina protagórica do homem-medida. Essas duas doutrinas, no fundo, não lhes são exclusivas, já que podem ser reconhecidas sob as mais diferentes posturas teóricas. Ainda assim, seus pensamentos continuam podendo ser considerados as expressões explícitas mais precisas de tais concepções, e por esse motivo devem representar os mais específicos alvos platônicos. Além disso, essas duas posições não são destituídas de implicações mútuas; pelo contrário, o que importa perceber é precisamente que uma reconduz à outra, e que ambas, vistas conjuntamente, possuem as mais perigosas consequências éticas.

A correção platônica desse erro global expresso em mais alto grau pelas doutrinas relativistas passa, portanto, pela necessidade de que haja critérios. Lembremos, por exemplo, do que insinuam as alusões do *Crátilo* aos heraclíticos: confundir um estado de espírito particular com a verdade universal é errar de critério. É preciso tomar o critério correto, o melhor para cada coisa, saber quais os verdadeiros paradigmas. Se o homem for a medida das coisas, se elas não tiverem suas medidas próprias, então de fato os critérios passam a ser absolutamente humanos e, conseqüentemente, arbitrários, e as medidas puras convenções. Que nada é por natureza, que tudo é por convenção, esse seria o sentido último da sentença protagórica, como interpretada por Platão e traduzida para a linguagem do *Crátilo*. Que, no fundo, não existe descoberta alguma, apenas invenção, arbitrariamente e incorrigivelmente humana. Nesse sentido, o problema da natureza se torna crucial para o filósofo, o que justifica a importância de seu papel no diálogo.

Mas existe também um problema de peso na versão extrema do naturalismo defendida por Crátilo. Aliás, é certo que nas posições aparentemente antagonicas dos dois personagens do diálogo é possível reconhecer duas versões de um mesmo erro em relação à linguagem, que reencontram as duas versões do relativismo precedentemente descritas, e reapresentam suas imbricações. Crátilo, por um lado, não é capaz de enxergar a diferença entre palavras e coisas. Nesse sentido, palavras e coisas, para ele, são indistintas e pertencem a um mesmo plano da existência, o que significa que conhecer as palavras coincide com conhecer as coisas. Dado também que é impossível haver e dizer o não-ser, Crátilo nega a possibilidade do falso na linguagem,

o que, somado à homogeneização entre linguagem e realidade, implica importantes corolários éticos e epistemológicos: a falta de distinção entre verdadeiro e falso na linguagem acarreta a indistinção entre o acerto e o erro, ou entre a boa e a má conduta, assim como a impossibilidade de qualquer conhecimento. Hermógenes, por sua vez, separa a realidade da linguagem da realidade das coisas de tal modo que, a linguagem está arriscada a não ter mais acesso às coisas. O mundo das palavras passa a ser um mundo que só fala do interior humano, só fala das sensações e desejos de quem nomeia. Passa a ser um mundo inteiramente verdadeiro, à medida que as sensações de cada um são sempre verdadeiras para quem as sente: outra concepção linguística que desemboca no mesmo relativismo ético e epistemológico, visto que, não podendo conhecer nenhuma realidade extra-linguística, não temos como afirmar nada de verdadeiro ou de falso sobre ela, nem temos como distinguir o certo do errado.

Nota-se, com isso, que mais do que atacar as premissas é preciso, para Platão, negar as conclusões. Que convenção ou natureza estejam na origem da justeza da linguagem, tanto faz (apesar da declarada preferência de Sócrates pela natureza, e da sua final redenção ao uso, na prática, do expediente da convenção). Importa saber a que conclusões cada uma das hipóteses conduz. No caso, nota-se que ambas conduzem a conclusões semelhantes, tão sedutoras em ato quanto perigosas em potência.

Não é à toa, portanto, que Protágoras e Heráclito, ou as teses protagóricas e heraclíticas levadas ao extremo, são os focos platônicos em não poucos diálogos. E é ainda menos em vão que representam ambos os alvos principais de Platão em um contexto onde pretende desmascarar um engano presente em pensamentos diversos. A refutação da dupla versão do relativismo é, portanto, uma questão axial para Platão. É sobre os destroços resultantes dessa batalha que o filósofo construirá o seu próprio pensamento e a sua imagem da filosofia.

[Recebido em maio 2011; Aceito em janeiro 2012]

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PLATÃO. *Teeteto. Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNEY, R. *Names and Nature in Plato's Cratylus*. New York and London: Routledge, 2001.

BAXTER, T. *The Cratylus: Plato's Critique of Naming*. Leiden, New York, Köln: E. J. Brill, Leiden, The Netherlands, 1992.

CASERTANO, G. Discorso, verità e immagine nel Cratilo. In: \_\_\_\_\_. *Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche*, a cura di Giovanni Casertano. Napoli: Loffredo Editore, 2005.

GOLDSCHMIDT, V. *Essai sur le Cratyle: contribution à l'histoire de la pensée de Platon*, Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1940.

KAHN, C. Les Mots et Les Formes dans le Cratyle de Platon. In: \_\_\_\_\_. *Philosophie du Langage et Grammaire dans l'Antiquité*. Bruxelles: Éditions Ousia et Université des Sciences Sociales de Grenoble, 1986.

KIRK, G. S. The Problem of Cratylus. In: *American Journal of Philology*, 1951, nº 3, p. 72.

PALUMBO, L. Il Nomos e la Trasmissione dei nomi nel Cratilo di Platone (a proposito di Crát. 388D12). In: *Elenchos: rivista di studi sul pensiero antico*, anno XXV, fasc. 2. Napoli: Bibliopolis, 2004.

SEDLEY, D. *Plato's Cratylus*, New York: Cambridge University Press, 2003.

SILVERMAN, A. Plato's Cratylus: the naming of nature and the nature of naming. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, vol X. Ed. J. Annas. Oxford: Clarendon Press, 1992.